

***Moving (k)queer pop: performance e teatralidade queer
no videoclipe Move de Taemin***

**Moving (k)queer pop: performance and queer theatricality
in Taemin's Move music video**

Krystal URBANO¹

Beatriz Terezinha Neves Novellino ALVES²

Resumo

Este artigo analisa a performance e a teatralidade *queer* no videoclipe *Move* (2017, SM Town) de Taemin, destacando como sua encenação coreográfica e estética visual subvertem normas de gênero no K-pop. Com base na teoria da performatividade de Judith Butler (1993) e no conceito de *k(q)ueerness* de Jungmin Kwon (2023), investiga-se como a fusão entre dança, figurino e cinematografia desafia a binaridade de gênero e amplia as possibilidades de representação *queer*. A linguagem corporal híbrida de Taemin entrelaça gestos e expressões tradicionalmente associados a masculinidade e feminilidade, criando um território de ambiguidade identitária. O estudo conclui que *Move* não apenas questiona a objetificação do corpo feminino e a rigidez da masculinidade patriarcal, mas também ressignifica a dança como um meio de afirmação identitária e resistência cultural.

Palavras-chave: K-pop. Performance. Teatralidade. Queer. Taemin.

Abstract

This article analyzes the performance and *queer* theatricality in the music video *Move* (2017, SM Town) by Taemin, highlighting how its choreographic staging and visual aesthetics subvert gender norms in K-pop. Based on Judith Butler's (1993) theory of performativity and Jungmin Kwon's (2023) concept of *k(q)ueerness*, the study examines how the fusion of dance, costume, and cinematography challenges gender binarism and expands *queer* representation possibilities. Taemin's hybrid body language intertwines gestures and expressions traditionally associated with masculinity and femininity, creating a space of identity ambiguity. The study concludes that *Move* not only questions the objectification of the female body and the rigidity of patriarchal masculinity but also redefines dance as a means of identity affirmation and cultural resistance.

Abstract: K-pop. Performance. Theatricality. Queer. Taemin.

¹ Doutora em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (PPGCOM/UFF). Líder do MidiÁsia - Grupo de Pesquisa em Mídia e Cultura Asiática Contemporânea. E-mail: krystalcortez@id.uff.br

²Graduanda no curso de Produção Cultural na Universidade Federal Fluminense (PROCULT/UFF). Email: beatrizterezinha@id.uff.br

Introdução

Em 16 de junho de 2017, a SM Entertainment lançou no YouTube o videoclipe *Move* (SM Town, 2017), de Lee Taemin. Composto por três peças audiovisuais, *Move* é a faixa-título do segundo álbum solo do artista, cujo impacto transcendeu as fronteiras do K-pop, alcançando artistas e fãs. O videoclipe se destaca não apenas pela recepção positiva, mas também pela expressão andrógina de Taemin e pela fluidez da coreografia, criada pela japonesa Koharu Sugawara (Marins, 2021; Medium, 2018). Em entrevista à *Billboard*, Taemin afirmou que a coreografia foi pensada para transcender normas de gênero, combinando elementos considerados masculinos e femininos (Billboard, 2017), o que pode ser analisado à luz da teoria da performatividade de gênero (Butler, 1993, 1999) e da *k(q)ueerness* (Kwon, 2023).

O K-pop, historicamente marcado por divisões rígidas de gênero e padrões cisheteronormativos, tem se tornado um espaço de contestação, no qual artistas desafiam expectativas sociais por meio de performances, imagens e coreografias. Além de Taemin, idols como Jimin (BTS), Kai (EXO), Amber Liu (f(x)) e Moonbyul (Mamamoo) são referências para a comunidade LGBTQIAPN+, propondo modelos que subvertem a normatividade (Laforgia & Howard, 2017; Louie, 2017). Suas performances questionam tanto os padrões estéticos da indústria quanto as concepções culturais de masculinidade e feminilidade na sociedade sul-coreana e no cenário global.

A crescente visibilidade de expressões não normativas no K-pop sinaliza um processo contínuo de reconfiguração estética e identitária. Laurie (2016) argumenta que as estéticas de gênero no K-pop não podem ser compreendidas apenas em termos binários, mas como fenômenos dinâmicos, atravessados por múltiplas influências midiáticas e culturais. *Move* se insere nesse contexto, não apenas como produto artístico, mas como meio de questionamento das normas hegemônicas, permitindo leituras *queer* que desestabilizam o sistema binário de gênero.

Este artigo analisa as dinâmicas de gênero e sexualidade no K-pop, tomando como estudo de caso a performance de Taemin em *Move*. A hipótese é que coreografia e figurino funcionam como dispositivos performáticos que tensionam os padrões binários de gênero, possibilitando múltiplas identificações. A análise fundamenta-se em estudos sobre performatividade *queer* na música pop (Taylor, 2012) e sobre masculinidades no entretenimento sul-coreano (Jung, 2011; Louie, 2017).

O texto organiza-se em quatro seções: inicialmente, discutimos a presença do acento *queer* no K-pop, a partir dos conceitos de performatividade (Butler, 1993, 1999), coreografia de gênero (Foster, 1998), masculinidade suave (Jung, 2011; Laurie, 2016; Louie, 2017), teatralidade camp (Sontag, 1964), *k(q)ueerness* (Kwon, 2023) e simulação *queer* (Gn, 2011). Na sequência, abordamos a trajetória de Taemin, destacando sua evolução estética e performática. Por fim, apresentamos a metodologia e os resultados da análise audiovisual de *Move*, baseada em Sigiliano, Guida & Borges (2022) e Soares (2013), considerando os planos da expressão e do conteúdo. A análise demonstra como coreografia, figurino e narrativa se articulam para produzir uma performance e uma teatralidade (*k*)*queer* (Kwon, 2023) que ultrapassa os palcos do K-pop e se conecta às práticas e expressões identitárias de fãs transnacionais.

O acento *queer* no universo do k-pop

A indústria do K-pop é historicamente marcada por uma rígida divisão de gênero, com *boy groups* e *girl groups* operando sob expectativas estéticas e comportamentais bem definidas. No entanto, artistas e fãs vêm ampliando os limites dessas categorias, promovendo novas formas de expressão que desafiam a normatividade vigente. Jungmin Kwon (2023) propõe o conceito de *k(q)ueerness* para descrever como as performances no K-pop subvertem binarismos tradicionais, permitindo múltiplas expressões de gênero e sexualidade. Esse conceito se desdobra em três categorias principais: a performance de gênero, que envolve a repetição de práticas que podem desestabilizar normas; a performance teatral, que inclui elementos como coreografia, *cross-dressing* e drag; e a performance aliada, na qual artistas expressam apoio explícito ou implícito às minorias LGBTQIAPN+ (Kwon, 2023). Para este autor, *k(q)ueerness* pode ser definida como:

“Defino *K(Q)ueerness* como as estéticas, imaginações, práticas, performances e ideias dos agentes do K-pop — incluindo artistas, profissionais da indústria e fãs — que possuem o potencial de subverter as estruturas cisheteropatriarcais do K-pop e de criar um espaço de libertação por meio de suas qualidades indisciplinadas, desviantes, anti-hegemônicas, perturbadoras e fluidas. *K(Q)ueerness* supera as identificações binárias — como masculinidade e feminilidade, heterossexualidade e homossexualidade — bem como a distinção proposta por Judith Butler entre *performance* e *performatividade*, a fim de acolher as múltiplas e diversas expressões de gênero e sexualidade que permeiam o universo do K-pop. Essa abordagem torna *K(Q)ueerness* um termo mais abrangente do que *queerness* nesse

contexto específico e constitui uma proposta intencional de reinterpretação das particularidades locais, enraizadas em uma cultura coreana majoritariamente cisheteropatriarcal. Compreender *K(Q)ueerness*, assim como *queerness*, exige, evidentemente, uma perspectiva interseccional, que contemple as múltiplas dimensões da identidade dos agentes do K-pop, como raça, etnia, classe, idade, habilidade física, nacionalidade e religião” (Kwon, 2023, p. 55, tradução nossa)³.

A discussão sobre performance e performatividade no K-pop pode ser aprofundada pela análise de Susan Leigh Foster (1998), que propõe o conceito de "coreografias de gênero". Para Foster, em vez de pensar o gênero apenas como performance, é produtivo entendê-lo como um sistema coreográfico, no qual os movimentos corporais são estruturados por códigos e convenções históricas. Esse conceito permite ampliar a compreensão sobre como os *idols* do K-pop não apenas reproduzem performances de gênero, mas também encenam movimentos codificados que reforçam ou contestam padrões normativos. O K-pop, com suas coreografias altamente estilizadas, pode ser visto como um campo de negociação dessas normas, onde gestos, posturas e interações são usados para evocar diferentes formas de masculinidade e feminilidade.

A teoria da performatividade de gênero de Judith Butler (1993, 1999) fundamenta o olhar de Foster (1998), uma vez que para Butler, o gênero é uma construção social reiterada por atos performativos. No contexto do K-pop, essa performatividade é visível tanto nas práticas corporais dos *idols* quanto na recepção dos fãs, que reproduzem e ressignificam performances de maneira a expandir suas possibilidades de identificação. Butler (2018) também discute a vulnerabilidade dos corpos que desafiam normas sociais, algo que se reflete nos desafios enfrentados por artistas que fogem das expectativas convencionais da masculinidade e feminilidade.

³ No original: “I define K(Q)ueerness as the aesthetics, imaginations, practices, performances, and ideas of K-pop players, including performers, industry workers, and fans, that have the potential to disrupt the cishetpatriarchal structures of K-pop and create a liberatory space with their unruly, deviant, anti-hegemonic, disturbing, and fluid qualities. K(Q)ueerness sublates binary identifications, including masculinity and femininity and heterosexual and homosexual—as well as Butler’s distinction between performance and performativity—to embrace the multifarious expressions of gender and sexuality surrounding K-pop. This approach renders K(Q)ueerness a more comprehensive term than queerness in this context and constitutes a purposeful reconsideration of the local particularities grounded in the predominantly cishetpatriarchal Korean culture. Understanding K(Q)ueerness, like queerness, obviously requires an intersectional perspective encompassing the multiple facets of a K-pop player’s identity, such as race, ethnicity, class, age, physical ability, nationality, or religion”.

Um aspecto essencial da teoria de Kwon é a ideia de que a performatividade *queer* no K-pop é, em parte, resultado da hibridização cultural e da natureza transnacional da indústria musical sul-coreana. Ao incorporar elementos de diferentes tradições performáticas ocidentais e asiáticas, o K-pop cria um espaço onde normas de gênero são continuamente renegociadas. A relação entre masculinidade suave e performatividade *queer*, por exemplo, desafia a hegemonia da masculinidade tóxica ocidental, oferecendo novos modelos de masculinidade fluidos e sensíveis (Jung, 2011; Laurie, 2016). Kam Louie (2017) complementa essa discussão ao argumentar que os estudos sobre masculinidades asiáticas têm se deslocado de uma posição subalternizada para um campo de "soft power". A masculinidade apresentada no K-pop, muitas vezes caracterizada por traços andróginos e sensíveis, desafia não apenas os padrões tradicionais de masculinidade sul-coreana, mas também os estereótipos ocidentais que historicamente marginalizaram homens asiáticos. Assim, o K-pop pode ser visto como um espaço de reconfiguração das masculinidades asiáticas em um contexto globalizado.

Além disso, Kwon (2023) aponta que a teatralidade desempenha um papel central na construção da *k(q)ueerness* no K-pop. A ênfase em figurinos elaborados, maquiagem e coreografias estilizadas aproxima a performance de *idols* das práticas drag e camp (Sontag, 1964). Essa apropriação estética não apenas reforça a dimensão visual das performances, mas também as insere em um campo discursivo *queer*, onde a estilização do corpo e da identidade se tornam ferramentas de subversão. Joel Gn (2011) explora essa ideia em seu estudo sobre cosplay, sugerindo que a simulação *queer* através da performatividade não é necessariamente uma expressão direta de identidade, mas sim uma forma de prazer estético e engajamento com imagens culturalmente codificadas. No K-pop, esse conceito pode ser aplicado às interações entre *idols* e fãs, onde gestos e performances ambíguas são frequentemente ressignificados de maneiras que expandem as possibilidades de expressão *queer*.

Outro ponto relevante é a recepção transnacional da *k(q)ueerness* no K-pop. Kwon (2023) argumenta que a fluidez de gênero e a ambiguidade performática encontradas no K-pop são interpretadas de formas distintas em diferentes contextos culturais. No Ocidente, essas performances frequentemente são lidas a partir de um referencial *queer* euro-americano, enquanto na Ásia elas podem ser entendidas dentro de um espectro mais amplo de expressões de gênero tradicionais e contemporâneas. Isso evidencia como a

k(q)ueerness no K-pop é um fenômeno multifacetado, cuja interpretação depende das lentes culturais e sociais através das quais é analisada.

Por fim, a análise de Kwon sugere que a *k(q)ueerness* no K-pop não apenas reflete mudanças na indústria do entretenimento, mas também atua como um espaço de experimentação e resistência para artistas e fãs. Ao permitir a existência de performances que desafiam normas de gênero e sexualidade, o K-pop se torna um campo onde novas formas de identidade podem ser exploradas e legitimadas. Esse aspecto torna o fenômeno do K-pop particularmente relevante para estudos de gênero e cultura pop contemporânea, destacando seu potencial de transformação social e cultural em uma escala global.

A trajetória de Lee Taemin

Lee Taemin nasceu em 18 de julho de 1993, na província de Seul, Coreia do Sul. Desde a infância, demonstrou interesse pela dança, tendo Michael Jackson como referência. Em 2005, aos onze anos, ingressou como trainee na SM Entertainment, passando por um rigoroso período de treinamento (Garotas Geek, 2021). Sua estreia ocorreu em maio de 2008, como integrante do grupo SHINee, lançando o single "Noona Neomu Yeppeo (Replay)" no programa Inkigayo da emissora SBS. A proposta musical do grupo, baseada no R&B contemporâneo, consolidou rapidamente sua popularidade, rendendo prêmios como o Cyworld Digital Music Awards e o Mnet 20's Choice Awards (Koreain, 2023).

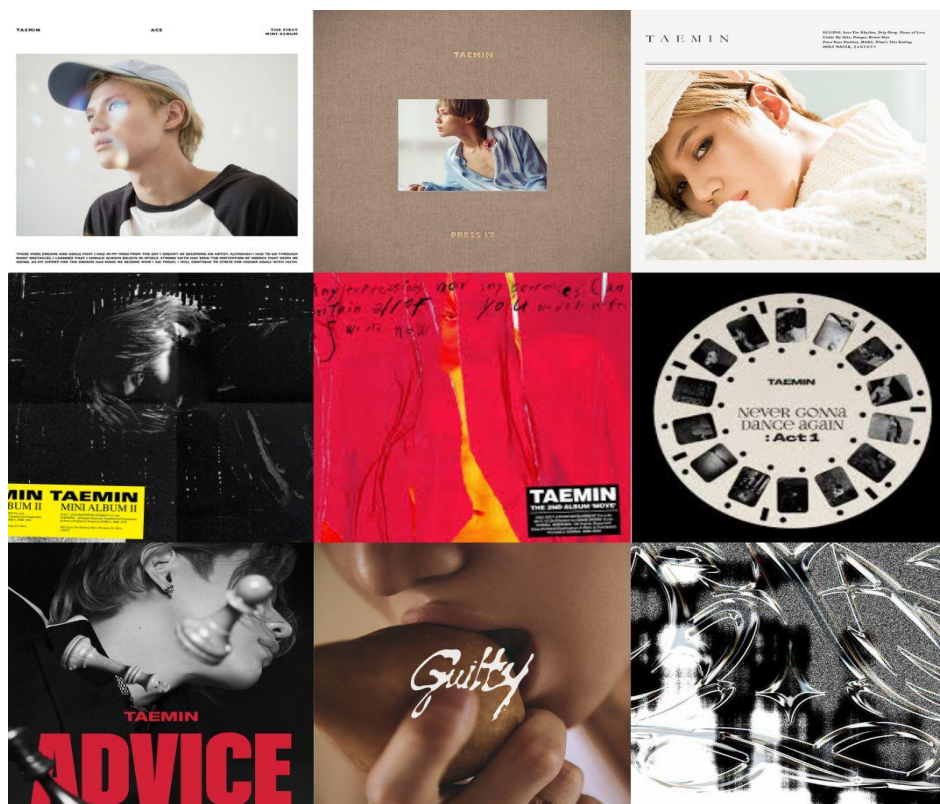
Inicialmente reconhecido como dançarino principal do SHINee, Taemin passou por um processo de amadurecimento vocal e performático. Em 2010, com o lançamento do álbum *Lúcifer*, o grupo alcançou projeção internacional, destacando-se na Circle Album Chart entre os mais vendidos do ano (Koreain, 2023). Paralelamente às atividades no grupo, Taemin investiu em sua identidade artística, influenciado pelos integrantes do SHINee. Em entrevista, afirmou que *Sherlock* (2013) marcou um ponto de virada em sua expressividade no palco, permitindo maior improvisação e desenvolvimento pessoal (Garotas Geek, 2021).

Sua carreira solo teve início em 2014 com o miniálbum *ACE*, alcançando o primeiro lugar nos programas MBC Music Core e KBS Music Bank. Em entrevista, Taemin destacou que buscava distanciar-se da imagem juvenil associada a ele no SHINee, almejando um conceito mais maduro (Billboard, 2017). O álbum seguinte, *Press It*

(2016), consolidou sua identidade artística, mas foi com *Move* (2017) que alcançou um novo patamar criativo. Segundo o artista, o conceito de *Move* foi pensado para transcender as barreiras de gênero, explorando uma performance corporal que desafiava as convenções normativas do K-pop (Billboard, 2017).

O videoclipe de *Move* teve ampla recepção, viralizando nas redes sociais e originando o fenômeno denominado "move disease", caracterizado pela reprodução massiva da coreografia por fãs e celebridades (Medium, 2018). Foram lançadas três versões distintas do videoclipe: a principal (Move #1), uma versão solo (Move #2 Performance Video), e uma versão em dueto com a coreógrafa Koharu Sugawara (Move #3 Performance Video). Esse projeto reforçou sua proposta de questionamento das normas de gênero e consolidou sua influência na indústria musical (Medium, 2018).

Figura 1 – Discografia de Taemin.



Fonte: screenshot das autoras.

Além de seu impacto na dança e na estética performática, Taemin também se destacou pelo uso de figurinos e conceitos visuais que desafiam as normas tradicionais da masculinidade no K-pop. Suas escolhas estilísticas frequentemente incorporam elementos

andróginos, explorando contrastes entre força e delicadeza. Essa abordagem é visível não apenas em *Move*, mas também em trabalhos posteriores, como *Want* (2019) e *Never Gonna Dance Again* (2020), que ampliaram ainda mais sua experimentação estética e narrativa visual (Billboard, 2019; Soompi, 2023).

Outro fator relevante em sua trajetória é sua influência no cenário transnacional do K-pop. Com apresentações marcantes no Japão e na Europa, Taemin consolidou sua posição como um dos principais artistas solo de sua geração. Seu impacto cultural ultrapassa o mercado coreano, sendo reconhecido por sua habilidade técnica e inovação conceitual. A recepção global de sua obra evidencia o crescente espaço para performances não-ocidentais que desafiam binarismos de gênero e exploram novas possibilidades expressivas dentro da música pop contemporânea.

Ao longo de sua trajetória, Taemin buscou ultrapassar os limites impostos pelas expectativas de gênero no K-pop. Seu trabalho evidencia uma abordagem performática inovadora, fundamentada na fluidez de gênero e na teatralidade *queer*, aspectos centrais da análise proposta neste artigo.

Metodologia

A análise do videoclipe *Move*, de Taemin, foi conduzida com base nos eixos do plano da expressão e do plano do conteúdo, fundamentando-se nos estudos sobre estética e identidade no videoclipe (Soares, 2013; Sigiliano, Guida & Borges, 2022). O plano da expressão examinou aspectos estéticos do videoclipe, incluindo coreografia e figurino. A coreografia foi analisada em relação à fluidez dos movimentos, que combinam elementos tradicionalmente associados ao masculino e ao feminino, desafiando convenções de gênero (Butler, 1993, 1999). O figurino foi estudado como estratégia de construção de identidade *queer*, utilizando estéticas andróginas para subverter expectativas normativas (Sigiliano, Guida & Borges, 2022; Kwon, 2023).

No plano do conteúdo, a análise abordou a narrativa performática do videoclipe e suas referências intertextuais. A temática de *Move* foi interpretada como uma ruptura com representações binárias de gênero. Foram exploradas as camadas simbólicas do videoclipe, observando como suas representações de masculinidade e feminilidade dialogam com discursos *queer* contemporâneos. Além disso, foram analisadas as

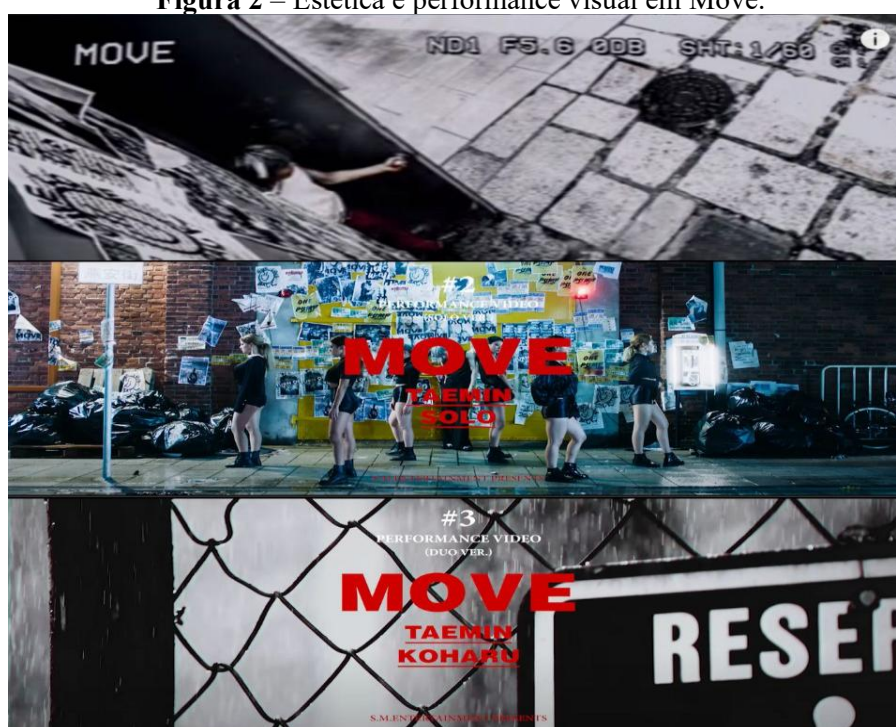
estratégias visuais que inserem o videoclipe em uma tradição de expressões artísticas que questionam normas de gênero (Sigiliano, Guida & Borges, 2022).

A abordagem metodológica adotada permitiu uma leitura aprofundada de *Move*, considerando tanto os elementos visuais quanto os temas que atravessam sua narrativa. Dessa forma, a análise evidencia como Taemin utiliza a performance e a teatralidade como ferramenta de contestação das normas de gênero e sexualidade na indústria do K-pop.

Análise de *Move*

Move inicia-se com trechos difusos que misturam prévias de cenas que serão vistas durante a obra com imagens urbanas, como prédios vistos de cima, uma sirene tocando ao fundo e um caminhão de lixo, até que Taemin aparece em um enquadramento similar a uma câmera de segurança, abrindo uma porta e adentrando um cenário urbano e chuvoso. Esse espaço, inspirado pela estética do Hip Hop e bairros marginalizados como o Bronx, reforça um clima de transgressão e sedução. O conceito visual não apenas complementa a música, mas também atua como um elemento discursivo, inserindo o artista em um contexto de ressignificação de gênero e performatividade.

Figura 2 – Estética e performance visual em *Move*.



Fonte: screenshot das autoras.

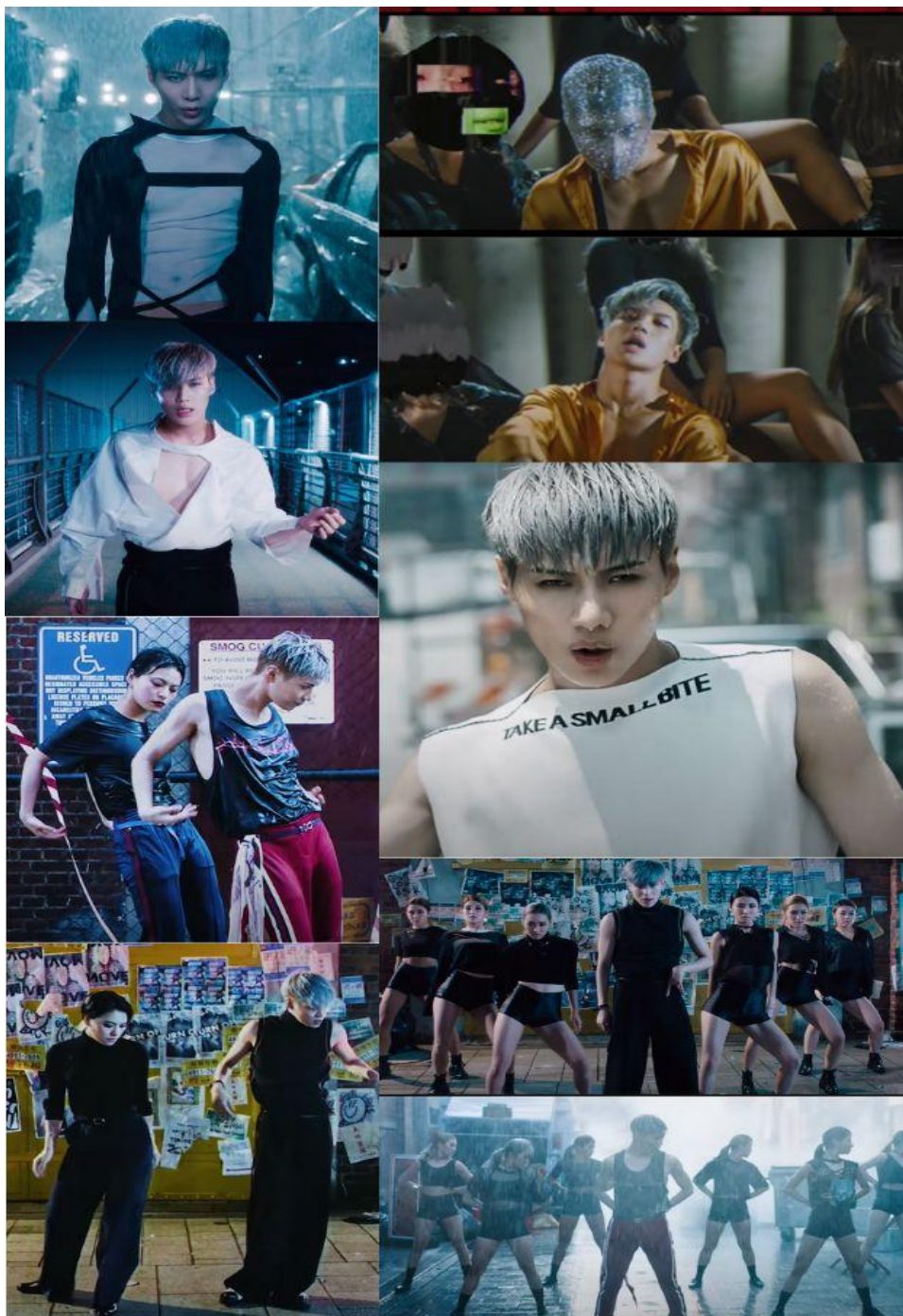
A coreografia se desenvolve a partir da interação entre Taemin, suas dançarinas e a coreógrafa Koharu Sugawara. Ao longo dos três vídeos, não há uma distinção hierárquica entre os corpos, nem uma atribuição de papéis de gênero convencionais. Essa abordagem subverte a tendência predominante na indústria do K-pop, onde a objetificação do corpo feminino é amplamente utilizada para atrair o público masculino e aumentar o consumo. O uso equitativo dos corpos e movimentos posiciona *Move* como uma obra que se alinha com a perspectiva da *k(q)ueerness*, conceito proposto por Jungmin Kwon (2023) para descrever performances que desafiam binarismos de gênero dentro do K-pop. Kwon (2023) argumenta que a estética do K-pop frequentemente se desvia das representações tradicionais de masculinidade e feminilidade, criando um espaço no qual expressões de gênero fluem entre o performativo e o simbólico, oferecendo novas possibilidades de identificação para públicos *queer* na Coreia e globalmente. A performance de Taemin exemplifica essa ruptura, pois, ao assumir o papel central da sedução, ele desloca as mulheres de uma posição objetificada para um espaço de participação equânime.

A dimensão estética do vídeo também se destaca pelo uso do figurino. Taemin e Koharu Sugawara vestem roupas que poderiam ser usadas por qualquer gênero, evitando uma segmentação visual que reforçaria as normativas tradicionais. Esse uso estratégico do vestuário contribui para a construção da identidade visual da obra, aproximando-se do conceito de vídeo como um espaço de construção identitária, conforme discutido por Sigiliano, Guida e Borges (2022). Em sua análise sobre *Bluesman*, eles argumentam que o vídeo, além de ser um suporte de expressão musical, é também um instrumento de reafirmação identitária, servindo como espaço simbólico para a negociação de significados sociais e culturais.

Outro elemento central é a própria linguagem corporal utilizada na coreografia, que combina *popping*, movimentos fluídos e elementos do ballet clássico. O *popping*, originado na cultura Hip Hop afro-americana, sempre funcionou como uma ferramenta de expressão que rompe com padrões convencionais. A fusão desses estilos permite que a coreografia de *Move* se posicione no limiar entre masculinidade e feminilidade, promovendo um diálogo corporal que transcende as normas tradicionais. Essa perspectiva ressoa com os apontamentos de Soares (2013) sobre a estética do vídeo enquanto uma plataforma de hibridização midiática. Para Soares (2013), o vídeo opera como um espaço intermediário entre a música, o cinema e a publicidade, criando um universo

onde as identidades podem ser construídas e reinventadas a partir de signos visuais e sonoros.

Figura 3 – Os figurinos em Move.



Fonte: screenshot das autoras.

Os performers masculinos do K-pop encenam uma feminilidade que não busca imitar ou se apropriar da identidade feminina, mas sim ressignificá-la dentro de um

espectro mais fluido de expressão de gênero. Como aponta Oh (2015), a gestualidade dos dançarinos de K-pop frequentemente incorpora movimentos ondulatórios, ondulações da coluna e círculos de quadril, evocando qualidades tipicamente associadas a uma feminilidade convencional. Esses elementos, longe de representarem uma ruptura com a masculinidade, coexistem com características tradicionalmente masculinas, como força e precisão, criando um híbrido que Oh (2015) denomina de “performatividade de gênero ambígua”. Além disso, as expressões faciais dos artistas, muitas vezes exageradas e intensamente emotivas, reforçam um tipo de performance que transita entre a vulnerabilidade e a intensidade, desafiando os padrões binários ocidentais de masculinidade e feminilidade. Essa ambiguidade é essencial para compreender como a dança no K-pop não apenas amplia os significados do corpo em movimento, mas também ressignifica os próprios limites da performatividade de gênero.

Figura 4 – A coreografia em Move.



Fonte: screenshot das autoras.

A performatividade de gênero no K-pop tem sido amplamente analisada em relação ao conceito de "masculinidade suave", termo cunhado por Jung (2011) para descrever uma forma de expressão mais andrógina e menos agressiva dos artistas masculinos. No entanto, Kwon (2023) critica essa abordagem por limitar as análises a um binário que ainda reproduz padrões heteronormativos. Taemin, em *Move*, não apenas suaviza sua masculinidade, mas a reconfigura, utilizando gestos e posturas que evocam feminilidade sem cair em caricaturas ou reforçar estereótipos. Essa desconstrução é apoiada pela teoria da performatividade de Judith Butler (1993), que argumenta que gênero não é uma essência fixa, mas sim um conjunto de atos reiterados que constroem e contestam normas sociais. Essa perspectiva é explorada em *Corpos em aliança e a política das ruas* (Butler, 2018), que destaca como a performatividade do corpo pode se tornar uma ferramenta de resistência política, ampliando a dimensão simbólica da performance de Taemin.

Além disso, a representação de Taemin em *Move* também pode ser analisada a partir das "coreografias de gênero" descritas por Thiago Soares e Lúcio Souza (2022), que investigam como jovens LGBTQIAPN+ ressignificam gestos e movimentos do K-pop em performances de covers ao redor do mundo. Esses processos demonstram que a dança não é apenas um meio de entretenimento, mas também um espaço de resistência e afirmação identitária, desafiando padrões regulatórios que moldam os corpos na indústria do entretenimento e oferecendo novas possibilidades de expressão. A fluidez dos movimentos de Taemin também é analisada por Ivana Marins (2021), que enfatiza sua importância como um referencial de representatividade para jovens *queer*. Sua movimentação andrógina desafia normas estabelecidas dentro da cultura pop coreana e amplia o debate sobre identidade e sexualidade.

Essa perspectiva se alinha às reflexões de Judith Butler em *Critically Queer* (1993), que discute como os atos performativos podem questionar e redefinir normas sociais. Dredge Byung'chu Käng (2014) também contribui para essa discussão ao examinar a influência do K-pop na Tailândia, onde performances de dança funcionam como ferramentas para a experimentação de gênero e afirmação identitária de jovens *queer*. Käng argumenta que o K-pop oferece uma estética transnacional que permite novas leituras da masculinidade e feminilidade, algo que ressoa fortemente na performance de Taemin. Dessa forma, a presença de Taemin não apenas desconstrói

expectativas de gênero, mas também contribui para a visibilidade e a validação de identidades *queer* dentro do K-pop e além.

Ao considerar os impactos socioculturais do K-pop, Soares e Silva (2022) apontam que performances como a de Taemin geram um efeito multiplicador, influenciando práticas de covers ao redor do mundo. Jovens LGBTQIAPN+ que reencenam coreografias de artistas sul-coreanos utilizam a dança como um meio de experimentação e ressignificação de identidade, evidenciando o caráter global e intercultural da performatividade de gênero no K-pop. Esse fenômeno destaca o papel do K-pop como um espaço de transformação cultural, onde artistas como Taemin desafiam fronteiras e possibilitam novas formas de representação e identificação, rompendo barreiras tradicionais e ampliando a compreensão sobre masculinidade e feminilidade. A análise de Käng (2014) reforça essa perspectiva ao demonstrar como a recepção do K-pop em diferentes contextos asiáticos redefine as noções de gênero e identidade, permitindo que artistas como Taemin sejam interpretados como símbolos de fluidez e resistência cultural. Dessa maneira, a dança não apenas se torna um meio de expressão artística, mas também uma ferramenta de empoderamento, proporcionando aos fãs e performers um canal para desafiar e ressignificar as estruturas normativas de gênero dentro e fora da indústria musical sul-coreana.

Assim, os elementos apresentados exemplificam o caráter transformador da obra e sua teatralidade *k(queer)*. Por meio da estética, coreografia e figurinos do videoclipe, Taemin inaugura em sua carreira formas de expressão que questionam a objetificação do corpo feminino no K-pop e desafiam a rigidez da masculinidade patriarcal. A fluidez de gênero representada na obra, aliada à ressignificação do corpo como elemento performático, posiciona *Move* como um marco na intersecção entre arte, identidade e resistência na cultura pop sul-coreana. Além disso, a repercussão da performance de Taemin ressoa em movimentos globais de dança e identidade, consolidando sua relevância não apenas dentro do K-pop, mas também nos estudos culturais contemporâneos.

Considerações finais

A análise desenvolvida neste artigo ilustra como o videoclipe *Move* (2017), de Taemin, se constitui como um espaço de ressignificação das normas de gênero no K-pop,

ampliando as possibilidades de representação *queer* na indústria musical sul-coreana. Através da articulação entre coreografia, figurino e cinematografia, a performance tensiona a binaridade de gênero, acionando conceitos como performatividade (Butler, 1993) e teatralidade *queer* (Kwon, 2023). *Move* evidencia como a dança opera como prática de resistência cultural e afirmação identitária, desafiando modelos tradicionais de masculinidade e feminilidade. Além de seus efeitos no contexto da indústria, a performance de Taemin reverbera em práticas de ressignificação identitária entre fãs e performers, tanto na Coreia quanto em circuitos transnacionais. Dessa forma, o videoclipe contribui para o debate sobre a fluidez de gênero na cultura pop global e reforça o potencial do K-pop como espaço de negociações identitárias e de visibilidade para expressões dissidentes. A partir dessas reflexões, este estudo reafirma a importância de abordagens interdisciplinares que articulem música, dança, performance e gênero, e indica a necessidade de aprofundar investigações sobre os impactos culturais, simbólicos e afetivos dessas expressões, especialmente na construção de subjetividades não normativas em contextos globais.

Referências

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, J. **Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”**. São Paulo: n-1 Edições, 1999.

BUTLER, J. Critically Queer. **GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies**. v. 1, p. 17–32, 1993.

“Como Taemin se mantém há três gerações do K-pop, desde SHINee à sua estreia solo para o SuperM.” **Garotas Geek**, 25 ago. 2021. Disponível em: <<https://www.garotasgeeks.com/como-taemin-se-mantem-ha-tres-geracoes-do-k-pop-desde-shinee-a-sua-estrela-solo-para-o-superm/>> Acesso em: 1 fev. 2025.

FOSTER, S. L. Choreographies of Gender. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, v. 24, n. 1, p. 1–33, 1998.

GN, J. Queer simulation: The practice, performance and pleasure of cosplay, **Continuum: Journal of Media & Cultural Studies**, v. 25, n. 4, p. 583-593, 2011.

JUNG, S. **Korean masculinities and transcultural consumption: Yonsama, Rain, Oldboy, K-Pop idols**. Hong Kong University Press, 2011.

KÄNG, D. B. Idols of Development Transnational Transgender Performance in Thai K-Pop Cover Dance. **TSQ: Transgender Studies Quarterly**, v. 1, n. 4, p. 559–571, 2014.

KWON, J. K(Q)ueer-Pop for Another World: Toward a Theorization of Gender and Sexuality in K-Pop. **International Journal of Communication**, v. 17, p. 52–71, 2023.

LAFORGIA, P.; HOWARD, K. Amber Liu, K-Pop Tomboy: Reshaping Femininity in Mainstream K-Pop. **Kritika Kultura**, v. 29, p. 214–231, 2017.

LAURIE, T. Toward a gendered aesthetics of K-Pop. In: CHOI, JungBong; MALIANGKAY, Roald (Org.). **K-pop: The International Rise of the Korean Music Industry**. New York: Routledge, 2016.

LOUIE, K. Asian Masculinity Studies in the West: From Minority Status to Soft Power. **Asia Pacific Perspectives**, v. 15, n. 1, p. 4–13, 2017.

MARINS, I. C. Sim, é K-pop!: a dança fluida de Taemin e a representatividade para jovens. **6o Congresso Científico Nacional de Pesquisadores em Dança**. Anais...2021.

MARINS, I. C; SILVA, M. V. M. DA. Ele se move como Michael Jackson!: Comentários de youtubers sobre a dança de Taemin. **Congresso Nacional Multidisciplinar em Ciência**. Anais...2022.

NEVES, B. T. N. N.; URBANO, K. C. L. MOVING (K)QUEER POP: performance e teatralidade queer no videoclipe “Move” de Taemin. **46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Anais... Belo Horizonte, 2023.

OH, C. Queering spectatorship in K-pop: The androgynous male dancing body and western female fandom. **The Journal of Fandom Studies**, v. 3, n. 1, p. 59–78, 2015.

“Queer k-pop: dança e fluidez de gênero nos clipes MOVE (#1, #2 e #3) de TAEMIN”. **Medium**, 26 ago. 2018. Disponível em: <<https://medium.com/musicaisutopias-queer-no-audiovisual/queer-k-pop-dan%C3%A7a-e-fluidez-de-g%C3%AAnero-nos-clipes-move-1-2-e-3-de-taemin-53cb5177f888>> Acesso em: 1 fev. 2025.

SIGILIANO, D.; GUIDA, V.; BORGES, G. Videoclipe e identidade: uma análise de Bluesman. In: SILVA, T. T.; DORETTO, J.; HERGESEL, J. P. (Orgs.). **Redes digitais e culturas ativistas 1: arte, cidades e ativismo**. Alumínio-SP: CLEA Editorial, 2022.

SOARES, T. **A estética do videoclipe**. João Pessoa: Editora Universitária, 2013.

SOARES, T.; SILVA, L. S. F. Coreografias de gênero em covers de K-Pop. **Intexto**, Porto Alegre, n. 53, e-110437, 2022.

SONTAG, Susan. Notes on "Camp". **Partisan Review**, v. 31, n. 4, p. 515-530, 1964.

“SHINee’s Taemin Discusses His Vision for ‘Want’ Album, Teases Next Solo Release & Reacts to Fan Comments”. **Billboard**, 30 maio. 2019. Disponível em:

<<https://www.billboard.com/music/music-news/shinee-taemin-want-solo-album-fan-comments-video-interview-8513790/>> Acesso em: Acesso em: 1 fev. 2025.

“SHINee’s Taemin Talks About Growing Up In The Spotlight, His Pop Culture Tastes, And More”. **Soompi**, 26 ago. 2023. Disponível em: <<https://www.soompi.com/article/1421839wpp/shinees-taemin-talks-about-growing-up-in-the-spotlight-his-pop-culture-tastes-and-more>> Acesso em: 1 fev. 2025.

SMTOWN. **TAEMIN 태민 'MOVE' #1 MV** [Video]. 16 out. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rcEyUNeZqmY>> Acesso em: 1 fev. 2025.

SMTOWN. **TAEMIN 태민 'MOVE' #2 Performance Video** (Solo Ver.) [Video]. 16 out. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j-alyueKNcY&ab_channel=SMTOWN> Acesso em: 1 fev. 2025.

SMTOWN. **TAEMIN 태민 'MOVE' #3 Performance Video** (Duo Ver.) [Video]. 16 out. 2017. [Video file]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QWUKCiWuXNY&t=5s&ab_channel=SMTOWN> Acesso em: Acesso em: 1 fev. 2025.

TAYLOR, J. **Playing it queer: popular music, identity and queer world-making**. Bern: Peter Lang, 2012.

“Taemin Talks ‘MOVE,’ Gender Stereotypes & Pushing the Boundaries of K-Pop”. **Billboard**, 25 out. 2017. Disponível em: <<https://www.billboard.com/music/music-news/taemin-interview-move-gender-stereotypes-pus>> Acesso em: 1 fev. 2025.

“Trajetória: O legado e o futuro da família SHINee em 15 anos de história”. **Revista Koreain**, 1 jun. 2023. Disponível em: <<https://revistakoreain.com.br/2023/06/trajetoria-o-legado-e-o-futuro-da-familia-shinee-em-15-anos-de-historia/>> Acesso em: 1 fev. 2025.